

Secção 9

Modelagens do passado literário dentro e fora da ficção no século XIX

Leitung|Coordenação: Roger Friedlein, Marcos Machado Nunes, Regina Zilberman

SALA|RAUM: Haus 5 – SR133 (Hyb.)

Mittwoch|quarta-feira – 15/09

14:00 – 18:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais
15:00 – 16:30	Treffen der Sektionsleiter:innen Reunião dos Coordenadores de Secção
16:30 – 17:00	Kaffeepause Intervalo para café
18:00 – 20:00	Eröffnungszeremonie Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)
20:00	Umtrunk mit Häppchen Beberete com canapés

Donnerstag|quinta-feira – 16/09

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais		
11:45 – 13:15	Plenarvortrag Literaturwissenschaft Sessão Plenária de Literatura		
13:15 – 14:30	Mittagspause Intervalo para almoço		
14:30 – 15:15	Marcos Machado Nunes	presencial	Discursos sobre a epopeia em paratextos prefaciais da poesia épica no séc. XIX
15:15 – 16:00	Rafael Brunhara	online	A tradução da épica como discurso crítico
16:00 – 16:30	Kaffeepause Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Rodrigo César Dias	online	Apontamentos sobre a apropriação da opereta n o Brasil: <i>Abel, Helena, de Artur Azevedo, paródia de La belle Hélène, de Offenbach, Meilhac e Halévy</i>
17:15 – 18:00	Deniz Özcan (RUB)	presencial	Coelho da Cunha e o distanciamento do passado literário no <i>Partenon</i>
19:00	Lesung Sessão de Leitura		

Freitag|sexta-feira – 17/09

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais		
11:15 – 13:15	Mittagspause Intervalo para almoço		
13:15 – 14:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft Sessão Plenária de Linguística		

14:15 – 14:30	Pause Intervalo		
14:30 – 15:15	Ricarda Musser	presencial	Debates sobre a literatura e a história literária na <i>Revista popular</i> (Rio de Janeiro, 1859-1862)
15:15 – 16:00	Bruna Nunes	online	Divergindo e coexistindo: as diferentes estéticas presentes na seção “Poesia” da revista <i>A Estação</i>
16:00 – 16:30	Kaffeepause Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Regina Zilberman	online	<i>Os Lusíadas</i> segundo Joaquim Nabuco: o debate sobre a nacionalidade do poema na imprensa de 1872
17:15 – 18:00	Lucas Cyrino	online	Um novo herói para o <i>Vila Rica</i>
18:00 – 18:45	Alexandre Kuciak	online	O(s) lugar(es) da poesia épica nas <i>Conferências populares</i> de Pereira da Silva
18:45 – 19:30	Abendessen intervalo para jantar		
19:30 – 20:15	Rafael Souza Barbosa	online	A política do indianismo brasileiro vista a partir do acervo de Ferdinand Denis
20:15 – 21:00	Antonio Marcos Vieira Sanseverino	online	Machado de Assis e a recepção do épico em <i>Americanas</i>
21:00 – 22:45	Marcos Lemos Ferreira dos Santos	online	“Eu não amo o Deus dos cristãos”: o indianismo como violência em “<i>Gupeva</i>”, de Maria Firmina dos Reis

Samstag | sábado – 18/09

14:30 – 17:00	Assembleia geral dos membros da Associação Alemã de Lusitanistas		
14:30 – 15:15	Cândido Oliveira Martins	presencial <i>a confirmar</i>	A construção nacionalista das remotas raízes da pátria na cultura literária de Oitocentos
15:15 – 16:00	Roger Friedlein	presencial	Encenação autorreflexiva histórica vs. encenação da poesia em <i>O poema do frade</i>, de Álvaro de Azevedo
16:00 – 16:30	Kaffeepause Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Regina Lúcia de Faria	online	Rasuras na tradição da escrita da historiografia literária brasileira oitocentista: Abreu e Lima, Álvares de Azevedo, Machado de Assis
17:15 – 18:00	Márcia Ivana de Lima e Silva	online	A noção de épico em Alencar: a polêmica da <i>Confederação</i>
19:00	Konferenzdinner Jantar de Encerramento		

Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 9

Rafael Souza BARBOSA (CRH – EHESS)

A política do indianismo brasileiro vista a partir do acervo de Ferdinand Denis

O indianismo, enquanto prática literária e política cultural, estabeleceu, sob a tutela da Regência e do Segundo Império, uma cultura oficialmente nacional para o país, centrada nos povos indígenas e na natureza americana. Suas bases epistemológicas foram apropriadas pelo “Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil”, de autoria de Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e publicado no primeiro volume da *Revista Niteroy* (1836), do *Résumé d’Histoire littéraire de Portugal, suivi de l’Histoire Littéraire du Brésil* (1826), de Ferdinand Denis (1898-1891). O *Résumé*, propondo sucessivamente uma visão prospectiva e retrospectiva da literatura brasileira, previu seu desenvolvimento a partir de uma poética inspirada na paisagem e povos locais e assinalou no cânone nacional por ele definido traços condizentes com o futuro que preconizava. Estes princípios foram retrabalhados pelo *Ensaio*, tornando o indígena um emblema da identidade nacional, e fomentaram a escrita de *Suspiros poéticos e saudades* (1836) e de *A Confederação dos Tamoios* (1857). Com o *Résumé* e outras de suas obras de cunho histórico ganhando notoriedade, Denis tornou-se rapidamente um “amigo do Brasil”, recebendo cartas, livros e pessoas provenientes do país. Em vista disso, este trabalho se propõe a abordar como o indianismo pode ser apreendido a partir do acervo de Ferdinand Denis, conservado na Bibliothèque Sainte-Geneviève, a fim de analisar gestos políticos e intelectuais em relação à representação da cultura nacional no exterior. Para isto, ele vai interrogar inicialmente as edições do bibliotecário de *A Confederação dos Tamoios* (1857) e de *Épicos Brasileiros* (1845), enviadas respectivamente por D. Pedro II (1825-1891) e por Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1879); e, em seguida, suas edições, com dedicatória autógrafa, de *A Lágrima de um Caheté* (1849), de *Dedicação de uma Amiga* (1850) e de *Ubirajara* (1874), oferecidas por seus autores Nísia Floresta (1810-1855) e José de Alencar (1829-1877). Espera-se, assim, demonstrar como as ações convergentes do Império e de alguns escritores não só instituíram o indianismo no Brasil, mas também fizeram-no entrar em uma lógica de diplomacia cultural através de sua relação com o bibliotecário francês.

Rafael BRUNHARA (UFRGS)

A tradução da épica como discurso crítico

Não existiu, no Brasil do século XIX, um discurso crítico e teórico sistematizado sobre a arte da poesia épica. Em vez disso, encontramos paratextos diversos, sem nenhuma pretensão à uniformização e muitas vezes revelando posições conflitantes acerca dos elementos que constituem o gênero. Mesmo assim, a produção de epopeias e o debate sobre elas eram intensos no período. Datam também do século XIX as primeiras traduções integrais brasileiras dos grandes poemas épicos da Antiguidade Clássica: a *Eneida* (1854), a *Ilíada* (1874) e a *Odisseia* (publicada em 1928, mas concluída no século anterior), de autoria de Manuel Odorico Mendes (1799-1864). Esta comunicação pretende, a partir da análise das notas do autor e dos comentários às obras supracitadas, pôr em relevo o papel da tradução nas reflexões sobre a poesia épica no século XIX.

REFERÊNCIAS

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Edição de Antônio Medina Rodrigues. São Paulo: EDUSP, 1996.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes. Prefácio e notas de Sálvio Nienkötter. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

MENDES, Manuel Odorico. *Eneida Brasileira*: tradução da epopeia de Públio Virgílio Maro. Organização de Paulo Sérgio de Vasconcellos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

Lucas Antônio de Carvalho CYRINO (UFRGS)

Um novo herói para o *Vila Rica*

As leituras da historiografia da Literatura Brasileira ao longo do século XX sobre o *Vila Rica*, poema épico de Cláudio Manuel da Costa datado de 1773 e impresso postumamente, em 1839, sugerem que o

poema é obra menor do poeta, incomparável, para muitos críticos, à lírica expressa nos sonetos das *Obras poéticas de Glauceste Satúrnio*, de 1768. Revisando os juízos de valor dessa crítica literária, propõe-se neste estudo uma leitura que valoriza o *Vila Rica* em termos de sua estética e temática, considerando-o uma obra que exalta a pátria mineira de seu autor. Assim, contrapõe-se a ação do herói Albuquerque, enviado pela coroa portuguesa para fundar a capital das Minas, à de Garcia, seu braço direito e filho da colônia brasileira. Desta análise, defende-se que a heroicidade de Garcia ao longo dos feitos narrados no poema é superior ou mais relevante que a do herói português, à medida que Garcia está mais próximo da realidade, da paisagem e da mitologia local.

Rodrigo César DIAS (UFRGS)

Apontamentos sobre apropriação da opereta no Brasil: Abel, Helena, de Artur Azevedo, paródia de La belle Hélène, de Offenbach, Meilhac e Halévy

Em 1864, estreava, em Paris, a opereta *La belle Hélène*, escrita por Henri Meilhac e Ludovic Halévy e musicada por Jacques Offenbach. Ao longo de seus três atos, a peça parodia a mitologia grega, apresentando o episódio em que Páris e Helena fogem de Esparta, antecedente da Guerra de Troia. Assim como as operetas anteriores de Offenbach, *La belle Hélène* foi um grande sucesso, cruzando fronteiras e atravessando o Atlântico. Em um levantamento inicial, foi possível encontrar edições contemporâneas ao lançamento da peça traduzidas para cinco idiomas (alemão, inglês, italiano, espanhol e português). Diferencia-se desse conjunto a paródia *Abel, Helena*, escrita por Artur Azevedo e encenada pela primeira vez em 1877. Enquanto as versões mencionadas anteriormente apresentam traduções mais convencionais, que mantêm o cenário e o rol de personagens do original, o texto de Azevedo se constitui como uma “paródia da paródia”, subvertendo a peça desde o título – trocadilho com a pronúncia de *La belle Hélène* – e contando com o deslocamento da ação de Esparta para uma freguesia nos arredores do Rio de Janeiro, nos anos 1870. Posto isso, este trabalho propõe uma apresentação preliminar acerca da relação entre *Abel, Helena* e *La belle Hélène*, atentando para os modos pelos quais o processo de adaptação do texto de Artur Azevedo ressignifica sem, contudo, negar a paródia da mitologia grega por meio do recurso a um repertório de imagens provincianas – uma “mitologia da roça” elaborada ao longo da tradição do teatro cômico brasileiro.

Regina Lúcia de FARIA (UFRRJ)

Rasuras na tradição da escrita da historiografia literária brasileira oitocentista: Abreu e Lima, Álvares de Azevedo, Machado de Assis

Tendo como ponto de partida a obra *Historiografia da literatura brasileira: textos fundadores (1825-1888)* [Rio de Janeiro: Caetés, 2014], organizada por Roberto Acízelo de Souza, em nossa comunicação, elegemos três autores que, em momentos distintos e por razões diversas, destoam do tom de seus contemporâneos na tentativa de configurar as bases da historiografia literária e as diretrizes para a composição e recepção da literatura brasileira: José Inácio de Abreu e Lima, Manuel Antônio Álvares de Azevedo, Joaquim Maria Machado de Assis. Os textos de Abreu e Lima e de Álvares de Azevedo, coincidindo cronologicamente com a leva dos primeiros estudos de orientação romântica, problematizam o enlace entre ufanismo e nacionalismo, marca norteadora da escrita epocal da produção nacional. Já os ensaios de Machado superam tanto a perspectiva romântica quanto a de seus contemporâneos, a geração que se formou a partir das décadas 60 e 70 do século XIX, mas que alcançou uma melhor sistematização de suas ideias nos anos 1880. Nessa fase pós-romântica, o pensamento crítico de Machado de Assis constitui uma “singular ocorrência”, pois, sem aderir às atitudes anti-românticas da geração de 1870 que, apoiada em sistemas de pensamento como o positivismo, o evolucionismo, o determinismo, pretendia desenvolver uma abordagem mais analítica e objetiva da literatura, reviu o princípio da cor local, defendendo que o caráter nacional das manifestações literárias não se configuraria por retratar elementos externos.

Roger FRIEDLEIN (RUB)

Encenação autorreflexiva histórica vs. encenação da poesia em Álvaro de Azevedo: *O Poema do Frade*

Os poemas épicos brasileiros do século XIX costumam abrir espaços para a encenação autorreflexiva de ideias sobre o poeta e a poesia, dando ensejo a modelações do passado literário. Nos poemas épicos do Ultrarromantismo percebe-se, nesse contexto, uma tendência nova respeito aos poemas da geração anterior, como os de Gonçalves de Magalhães ou de Gonçalves Dias. Nos exemplos de Macedo: *A Nebulosa* e de Alvares de Azevedo: *O Poema do Frade*, mas também no *Conde Lopo*, a diegese ambienta-se num tipo de espaço que é insinuado como vagamente histórico (como indicam os elementos medievalistas, mosteiros e castelos, títulos nobiliários, cavalheiros e donzelas), mas sem a precisão necessária que os faça formar um cenário especificamente europeu ou americano, nem especificamente medieval, colonial ou contemporâneo. Nessa ambiência de historicidade incerta, a encenação autorreflexiva é densa e intensa em todos três casos mencionados, mas, sem vinculação a um contexto histórico certo, também ela toma uma significação mais atemporal.

No *Poema do frade* de Alvares de Azevedo, por exemplo, encena-se a personagem de um potencial poeta, afundado no seu mundo de leituras épicas e afogado no álcool, e tormentado pelo anseio de produzir um poema épico. O resultado dos seus esforços não atinge o épico, e a figura do poeta de câmara transmite a ideia da impossibilidade da epopeia. O frade que é leitor de matérias épicas, mas não consegue processar as suas leituras e destilá-las num poema correspondente, tematiza um problema relevante no panorama da poesia do século XIX brasileiro, mas não específico dele. O Ultrarromantismo abandona pois a historicidade nos seus cenários ficcionais, e ao mesmo tempo, abandona a autorreflexividade histórica para deixar lugar à autorreflexividade teórica. A encenação do passado literário vira encenação da poesia.

Alexandre KUCIAK (UFRGS)

O(s) lugar(es) da poesia épica nas Conferências Populares de Pereira da Silva

Esta comunicação busca suprir uma lacuna na bibliografia acerca da poesia épica no Brasil: avaliar a contribuição de João Manuel Pereira da Silva para a divulgação desse gênero a partir de sua participação nas Conferências Populares da Glória, evento realizado no Rio de Janeiro a partir de 1873. A popularidade do evento, sua cobertura pelos principais jornais da época e a sua subsequente publicação na forma de periódico mensal garantem significativa repercussão a esse seu trabalho enquanto conferencista. Os estudos referentes às Conferências Populares mencionadas costumam deter-se no papel desse evento enquanto importante difusor de teorias científicas. Dessa forma, a partir do periódico *Conferências Populares*, publicado pela primeira vez em janeiro de 1876, procuramos avaliar o modo como Pereira da Silva expõe a poesia épica para seu público, articulando a sua atuação múltipla de historiador literário, político e escritor. Esse processo permitiu-nos expor como o contexto de produção do periódico e a atuação política de Pereira da Silva dialogam e reverberam em suas escolhas relativas ao modo de apresentar a poesia épica para o público das Conferências Populares da Glória.

Candido MARTINS (UCP)

A construção nacionalista das remotas raízes da pátria na cultura literária de Oitocentos

A Cultura e a Literatura portuguesa de Oitocentos insistiram de muitas formas e discursos na construção de uma idearomântico-nacionalista de Nação, num processo plural de representações e modelagens do passado hoje estudado pelos estudos literários e culturais, de que resulta um imaginário cultural que atravessa o tempo até à actualidade. Neste âmbito, a narrativa história de Teófilo Braga, *Viriato – epopeia lusitana*, em que evoca e celebra a figura mítica do lendário chefe lusitano que, no canto ocidental da península ibérica (libertador da Lusitânia), se revolta contra o movimento conquistador de Roma. Com esta obra, Teófilo Braga não só se inscreve numa tradição mitificadora da figura de Viriato, mas também numa reiterada defesa do que alicerça uma "tradição nacional", face a elementos estranhos ou estrangeiros.

Ricarda MUSSE (IAI)

Debates sobre a literatura e a história literária na Revista Popular (Rio de Janeiro, 1859-1862)

Literatur und Lektüre nahmen im kulturellen Leben der weißen Ober- und Mittelschicht im brasilianischen Kaiserreich einen großen Stellenwert ein. Bereits mit der Ankunft des portugiesischen Königshauses in Brasilien 1808 war damit begonnen worden, Rio de Janeiro in eine Metropole nach europäischem Vorbild zu verwandeln. Dies beinhaltete auch, kulturelle Konzepte und Praktiken aus Europa in das neue Zentrum des portugiesischen Reiches zu integrieren. Um sich der Zugehörigkeit zum zivilisierten Europa zu versichern, verfolgte man in Brasilien die kulturellen Aktivitäten in der Alten Welt sehr genau und nahm sich dabei vor allem Paris zum Vorbild. Nach der Unabhängigkeit Brasiliens von Portugal 1822 stand unter den Vorzeichen der Romantik des Weiteren die Frage nach der Schaffung einer eigenen kulturellen und nationalen Identität im Zentrum der literarischen Aktivitäten. Mitte des 19. Jahrhunderts erhöhte sich die Quantität und Qualität der in Brasilien hergestellten Publikationen stark, darunter auch die Produkte von Baptiste Louis Garnier, der zwischen 1859 und 1862 die *Revista Popular* verlegte, die gleichzeitig ein Organ der Romantik und des literarischen Nationalismus war und in der Forschung als dynamisches Zentrum der Erneuerung literarischer Ideen beschrieben wird. Der Vortrag untersucht die Debatten und Stellungnahmen zur Entwicklung der brasilianischen Literatur und Literaturgeschichte in der Zeitschrift, deren Protagonisten vor allem Joaquim Norberto de Silva Souza und Antônio Joaquim de Macedo Soares waren.

Marcos Machado NUNES (RUB)

Discursos sobre a epopeia em paratextos prefaciais da poesia épica no séc. XIX

No século XIX, no Brasil e em Portugal, a poesia épica ocupa um lugar de destaque nas discussões sobre a constituição ou confirmação de um cânone das literaturas nacionais. O debate se dá ao mesmo tempo em que é publicado um número considerável de poemas que procuram evidenciar a sua filiação à tradição épica, não raro ambicionando ocupar o lugar privilegiado atribuído à epopeia nas discussões sobre a literatura nacional e o cânone. Muitos destes poemas apresentam paratextos prefaciais, espaços nos quais, buscando negociar a recepção dos poemas, se articulam discursos sobre os sentidos da poesia épica e o seu passado.

O trabalho procura mostrar como os paratextos prefaciais de poemas épicos do século XIX lusófono constroem e funcionalizam imagens do passado épico e/ou da história da recepção desse passado. Tais imagens aparecem associadas a uma consciência da dificuldade da recepção dos poemas -- quer pela autoridade da tradição, quer pela viabilidade do gênero na Modernidade --, o que se traduz no uso de algumas estratégias retóricas recorrentes (a *amplificatio*, a *captatio benevolentiae* e, em particular, a *excusatio*). Em suma, a modelagem do passado épico, nos paratextos prefaciais analisados, é mobilizada, de diferentes modos, para a busca de um espaço relevante no campo literário para os poemas que acompanham e seus autores.

Bruna da Silva NUNES (UFRGS)

Divergindo e coexistindo: as diferentesestéticas presentes na seção “Poesia” da revista A Estação

Composta por um caderno de modas e por um suplemento literário, a revista *A Estação: jornal ilustrado para a família* foi editada no Brasil entre os anos de 1879 e 1904. Uma das seções mais significativas de seu suplemento é a “Poesia”, na qual nos deparamos com poemas de um conjunto bastante diverso de autores – em pesquisa um tanto panorâmica pelos 25 anos de publicação, localizei cerca de 40 nomes, dentre eles alguns que entraram para o cânone da Literatura Brasileira, como Olavo Bilac e Machado de Assis. O soneto é a forma poética mais recorrente na seção, embora conviva com quadras em redondilha maior, sextilhas, poemas dialogados, dentre outras. Ao acompanharmos a História da Literatura Brasileira, vemos que, no final do século XIX, período em que circulava *A Estação*, o Parnasianismo era o movimento predominante na poesia. Integrado ao debate cultural de sua época, o periódico ofereceu suas páginas para a colaboração de jovens poetas como Alberto de Oliveira, que publicou n’*A Estação* o seu famoso poema “Vaso chinês”.

Também encontramos, contudo, autores como Adelino Fontoura, cuja poesia, em seus temas e em sua forma, seria mais alinhada à estética romântica. Levando isso em consideração, este trabalho se propõe a abordar, a partir da seção “Poesia”, o modo como os movimentos literários coexistiam em um mesmo suporte, sinalizando que as rupturas entre estéticas em competição não se realizam de modo imediato e/ou definitivo, o que gera nuances e contradições extremamente produtivas para os Estudos Literários.

Deniz ÖZCAN (RUB)

Coelho da Cunha e o distanciamento do passado literário no *Partenon*

Na segunda metade do século XIX, surge no Rio Grande do Sul uma sociedade que se concentra na produção da literatura regional – o *Partenon Literário*. Na revista mensal da sociedade também o pelotense Alberto Coelho da Cunha (pseudônimo: Vitor Valpírio) tem seu lugar, e, em suas primeiras contribuições (“Contos Rio-Grandenses. Introdução.”), se declara a favor duma literatura nacional. Segundo ele, os autores brasileiros têm que se afastar do passado literário – a imitação da literatura europeia, especificamente da portuguesa – tendo em vista que o Brasil, com sua natureza, seus costumes e idiossincrasias, oferece inspiração para o desenvolvimento de uma escrita literária independente e, portanto, capaz de definir uma identidade própria. Assim diz Valpírio: “Não necessitamos passar o Atlântico para irnos buscar na pátria de Camões a inspiração [...]”

Depois de seu ensaio introdutório, que se pode entender como um texto teórico com respeito à criação literária nacional, romances e contos do autor, como por exemplo, *A Mãe do Ouro* (1873) ou *Pai Felipe* (1874), são publicados na revista. Nestas obras, ele demonstra, de maneira exemplar, como o afastamento do passado literário pode ser realizado, ou melhor, como textualizações do presente podem ser realizadas na prática.

Portanto, o objetivo da comunicação será mostrar como e com que finalidade Alberto Coelho da Cunha desvaloriza o passado literário. Ao mesmo tempo, procura indicar qual o efeito que tal desvalorização tem no tocante à produção literária no tempo presente, o que será apresentado por meio dos textos literários do mencionado autor.

Antonio Marcos Vieira SANSEVERINO (UFRGS)

Machado de Assis e a recepção do épico em *Americanas*

Em *Americanas* (1875), Machado de Assis, dialoga com a tradição indianista, evidente na retomada de Gonçalves Dias. No presente trabalho, o interesse é despertado para o modo como Machado retoma a tradição épica considerando dois aspectos: construção do gesto das personagens e certa variação da distância épica. Na primeira edição do livro, o poema traz duas epígrafes, uma com o argumento histórico e outra comum trecho de *Orlando Furioso*, de Ariosto. De um lado, é definida a matéria brasileira da obra que confere ambição nacional às ações dos personagens. De outro, temos a definição de um modo de tratamento – uma dimensão narrativa e épica, filiada à tradição renascentista. O diálogo entre matéria local e tradição épica não ocorre de modo uniforme no livro. Assim, nos interessa observar como a construção dos gestos de diferentes heroínas, como Niani, Potira e Sabina, para interrogar se há presença de dimensão heroica. Ao mesmo tempo, cabe interrogar se o tratamento de matéria próxima no tempo, como ocorre em Sabina, não implicaria em encurtamento da distância de tal modo que o tratamento épico da matéria nacional ficaria bloqueado. Assim, no presente trabalho, partimos da retomada da tradição épica (a partir da referência a *Orlando Furioso*) a fim de atentar para a forma como isso se dá em Machado.

Marcos Lemos Ferreira dos SANTOS (USP)

“Eu não amo o Deus dos cristãos”: o indianismo como violência em “Gupeva”, de Maria Firmina dos Reis

No romantismo brasileiro, o movimento indianista, como demonstra David Treece em seu estudo *Exilados, aliados, rebeldes* (EDUSP, 2008), instituiu-se como “viga mestra” de um projeto que era concomitantemente político e cultural. Há, como nota o crítico inglês, um paradoxo sobre o qual esse projeto se sustenta: ao mesmo tempo em que corporifica elemento indígena, no âmbito da

figuraçãoliterária, como alicercede uma representação nacional, empenha-se porapagar a sua existência concreta emnível histórico e social. A presente comunicação pretende apresentar e interpretar o conto “Gupeva”, de Maria Firmina dos Reis, como voz dissonante, no período, em relação a esses usos literários do índio. Por meio de um confrontocom o poema épico *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e com o romance *O guarani*, de José de Alencar, almeja-se comprovar que, na perspectiva desse texto da autora de *Úrsula*, o encontro entre colonizador e colonizado, situação fulcral no ideário romântico de fundação da nação, não se dá de modo harmonioso e consentido, mas sim carregadode violência e arbitrariedade.

Márcia Ivana de Lima e SILVA (UFRGS)

A noção de épico em Alencar: a polêmica da *Confederação*

A série de cartas trocadas por José de Alencar, Gonçalves de Magalhães e muitos outros intelectuais da época, por ocasião da publicação do poema épico *A confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, em 1856, mostra o embate entre a velha geração de escritores brasileiros e a novíssima geração que despontava nos meados do século 19. Alencar aparece como figura consciente e atenta, embora jovem e com poucos títulos publicados. Tendo como base o conjunto da referida correspondência e o ensaio *Como e porque sou romancista*, de Alencar, quero detectar a noção de épico de Alencar, identificando em seu discurso sobre a epopeia as questões relativas à heroicidade, à autenticação e à subjetividade. Com esta pesquisa, pretendo contribuir para o debate contemporâneo sobre a poesia épica lusófona do século 19, que possibilite comparar os discursos em perspectiva transatlântica e identificar semelhanças e divergências decorrentes dos distintos contextos literários brasileiro e português.

Regina ZILBERMAN (UFRGS)

***Os Lusíadas* segundo Joaquim Nabuco: o debate sobre a nacionalidade do poema na imprensa de 1872**

Em 1872, com 23 anos e recém-diplomado em Direito pela escola de Recife, Joaquim Nabuco publica em livro seus escritos sobre o poeta Luís de Camões e o épico *Os Lusíadas*. Produto de um jovem, o livro não é propriamente inovador: Camões era figura recorrente da literatura brasileira, e *Os Lusíadas* inspirava os românticos no país, como Gonçalves Dias, embora nem todos, como Gonçalves de Magalhães, o admirassem.

Joaquim Nabuco entende o clássico da literatura portuguesa como parte da literatura nacional, como expressa em artigo lançado em *A República* e reproduzido na abertura de seu livro. Em 1872, o debate em torno à nacionalidade da literatura brasileira não tinha esmorecido, bastando lembrar que a “Notícias da atual literatura brasileira”, mais conhecido como “Instinto de nacionalidade”, de Machado de Assis, data de 1873, tendo sido publicado em *O Novo Mundo*, produzido em Nova York, e também em periódicos locais, como *A Reforma*, de Porto Alegre.

Não por outra razão o livro de Nabuco alcança alguma repercussão na imprensa carioca no ano de 1872. O exame da obra de Joaquim Nabuco e de sua recepção na imprensa faculta, pois, entender como circulam dois conceitos importantes relacionados aos discursos do épico: o de epopeia, associado à importância de Luís de Camões na cultura luso-brasileira, e o de nacionalidade (ou identidade) da literatura na década em que a poética romântica perdia sua hegemonia com o questionamento do regime monárquico, a intensificação do luta anti-escravista e os efeitos negativos da guerra movida contra o Paraguai na década anterior.